ISSN: 2358-8829

A EDUCAÇÃO E O "CUIDADO DE SI": A DIMENSÃO PEDAGÓGICA DOS ALCOÓLICOS ANÔNIMOS*

Bruna Carolina da Silva Estevão [1]
Geórgia Jordana Simião Neri [2]
Allene Carvalho Lage [3]

INTRODUÇÃO

Refletir sobre o campo educativo exige que ampliemos o olhar para além dos limites físicos e institucionais da escola formal. A educação se realiza em espaços comunitários, em movimentos sociais e em organizações de apoio mútuo, onde homens e mulheres constroem saberes e ressignificam a própria existência a partir do cotidiano compartilhado. A irmandade dos Alcoólicos Anônimos, fundada no ano de 1935 por Bil Wilson e pelo Doutor Bob na cidade de Akron, Ohio, constitui uma experiência voltada para o acolhimento e a recuperação de pessoas acometidas pela dependência do álcool. Compreender o funcionamento dessa comunidade sob uma perspectiva pedagógica, nos revela que suas reuniões são utilizadas como espaços de formação humana, nos quais o diálogo, a escuta atenta e a partilha das vivências de cada integrante, assumem um papel central na reconstrução subjetiva dos sujeitos.

No cenário atual, o consumo abusivo de bebidas alcoólicas tem se mostrado como um complexo desafio social e de saúde pública no Brasil e no mundo. O alcoolismo carrega consigo ligação direta no aumento da violência doméstica, no adoecimento psíquico, na perda de empregos e no desgaste das relações familiares. Nas classes de menor poder aquisitivo, esses impactos são visivelmente mais acentuados devido à precariedade das condições materiais de vida, à carência de políticas públicas sociais e de saúde mental e à falta de ambientes de acolhimento especializado. Vemos, então, que se trata de uma questão estrutural de múltiplas causas que atravessam aspectos econômicos, culturais, emocionais e sociais, fazendo-se

*Trabalho derivado de uma pesquisa desenvolvida no âmbito das atividades acadêmicas da Universidade Federal de Pernambuco do Campus Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA).

[1]Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, bruna.estevao@ufpe.br.
[2]Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, georgia.jordana@ufpe.br.
[3]Professora orientadora: Doutora em Sociologia pela Universidade de Coimbra e professora titular da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, allenelage@yahoo.com.br.

ISSN: 2358-8829

necessário um debate que vá além das abordagens médicas e/ou punitivas. Além disso, a aceleração do modo de vida atual e as exigências de produtividade na sociedade contemporânea culminam num grande sofrimento psíquico e emocional, que pode ocasionar em isolamento. Diante dessas dores, muitas vezes invisibilizadas pelo meio social, a bebida alcoólica surge para muitos como uma possibilidade rápida de anestesiamento e fuga das preocupações e dos sofrimentos, tornando o alcoolismo um sintoma de feridas sociais mais profundas. A partir disso, o estereótipo que se tem da pessoa alcoólatra reforça o preconceito, a vergonha e o afastamento social, dificultando a busca voluntária do sujeito por ajuda e o processo de reinserção social.

Contudo, a proposta dos Alcoólicos Anônimos se opõe a essa exclusão ao oferecer um ambiente comunitário de acolhimento e escuta. A irmandade pauta seus ideais na partilha horizontal de histórias de vida e no reconhecimento da própria vulnerabilidade como ponto de partida para a transformação pessoal. Nas reuniões do grupo, os conhecimentos não são impostos de maneira vertical por uma figura central, eles são construídos a partir das vivências compartilhadas pelos integrantes do grupo. Essa maneira de aprendizado coletivo se aproxima dos pressupostos da pedagogia emancipadora freiriana, na qual o diálogo constitui o fundamento da conscientização e do exercício de libertação das opressões (Freire, 1987). O espaço de partilha transforma a fala e a escuta em um exercício de humanização.

Ao mesmo tempo, as práticas desenvolvidas pela irmandade se articulam com o conceito foucaultiano de cuidado de si, entendido como uma atitude ética e reflexiva que exige o autoconhecimento, a vigilância sobre o próprio modo de viver e o compromisso constante com a transformação interior (Foucault, 2010a, *apud* Gomes; Ferreri; Lemos, 2018). A integração do indivíduo ao grupo representa um meio de resistência diante da exclusão social e da desumanização, pois ao reconhecer suas fragilidades e buscar a reconstrução de seu modo de vida, o sujeito alcoólico realiza um ato educativo e político, se reinserindo com autonomia na vida social e familiar.

O presente trabalho nasceu da inquietação em compreender como as práticas pedagógicas inspiradas na teoria freiriana atuam na realidade prática de um ambiente não escolar. Foram analisadas experiências vivenciadas no município de Toritama, situado no Agreste de Pernambuco, dos membros do denominado Grupo Primavera. O estudo buscou respostas para a seguinte questão central: Que práticas pedagógicas são voltadas para o cuidado de si e para a promoção da sobriedade dos sujeitos alcoólicos?

ISSN: 2358-8829

O objetivo geral do trabalho foi refletir sobre as práticas educativas utilizadas na irmandade dos Alcoólicos Anônimos que são direcionadas ao cuidado de si e à promoção da sobriedade. Como objetivos específicos, delimitou-se: 1) Identificar as práticas pedagógicas presentes nas reuniões do grupo; 2) Elencar os princípios que fundamentam o cuidado de si entre os integrantes; 3) Descrever as principais metodologias utilizadas para o alcance e permanência da sobriedade; 4) Identificar a presença e a atuação da Educação Popular no interior da irmandade.

METODOLOGIA

Para a realização do presente estudo, adotamos a abordagem de pesquisa qualitativa. Tal abordagem possibilita a imersão no campo da observação, permitindo o contato direto com o ambiente. Segundo Minayo (1996), o campo de pesquisa se constitui como um espaço de manifestações e intersubjetividades, promovendo importantes interações entre os pesquisadores e os grupos estudados, o que viabiliza a produção de novos conhecimentos. Essa abordagem se justifica enquanto qualitativa porque adentra no universo dos significados, das crenças, dos valores e das relações humanas, aspectos que não podem ser quantificados em equações ou tabelas estatísticas.

A pesquisa caracteriza-se como exploratória e explicativa. A dimensão exploratória permite uma aproximação sensível com a realidade do Grupo Primavera do AA em Toritama, Pernambuco, identificando as representações e as rotinas de um espaço educativo não formal. O aspecto explicativo se apresenta na análise dos motivos que impulsionam os processos de transformação subjetiva, avaliando como o cuidado de si, a escuta e o comprometimento individual e comunitário viabilizam a conquista da autonomia e da sobriedade contínua.

A observação esteve delimitada à sede do Grupo Primavera, no município de Toritama em Pernambuco. O período de acompanhamento e coleta de dados estendeu-se de 27 de setembro de 2025 até 06 de dezembro de 2025. Durante esse intervalo de tempo, frequentamos as reuniões semanais da irmandade, acompanhando os rituais, os depoimentos públicos e as interações informais que antecediam e sucediam os encontros formais. E para além da observação, as fontes de informação deram-se por três grupos principais de sujeitos: o coordenador vigente do Grupo Primavera, os membros da irmandade e os familiares das pessoas em recuperação, sobretudo as esposas. Essa ampliação de colaboradores permitiu que compreendêssemos os efeitos das práticas educativas em diferentes dimensões da vida em comunidade e da vida doméstica. Ainda, para além da observação participante, as ferramentas

ISSN: 2358-8829

de coleta de dados abrangeram as conversas informais, o acompanhamento de relatos orais das histórias de vida e a realização de entrevistas semiestruturadas. Adotamos uma diversidade de instrumentos pois, conforme indica Lage (2005), é no trabalho de campo que é essencial se atentar em conjunto para as declarações verbalizadas, os silêncios, a organização do espaço, os gestos e os afetos expressos pelos participantes. Os registros sistemáticos das vicências de campo foram realizados por meio de diários de campo desenvolvidos individualmente pelas pesquisadoras, considerando o pensamento de Lage (2005), onde o diário de campo atua como um instrumento analítico vivo, permitindo revisitar as situações observadas, registrar transcrições de falas e amadurecer as interpretações ao longo da investigação.

A análise dos dados do material observado foi feita por meio da Análise de Conteúdo conceituado por Vala (2001), onde esse método de interpretação das comunicações possibilita a realização de inferências lógicas e fundamentadas a partir das mensagens categorizadas. Os dados oriundos dos diários de campo e das entrevistas foram organizados em quatro categorias: 1) O cuidado de si; 2) Emancipação e Autonomia; 3) Práticas educativas não formais; 4) A Educação Popular como instrumento de emancipação.

REFERENCIAL TEÓRICO

O cuidado de si como prática de liberdade

A concepção de Foucault sobre o cuidado de si se constitui como um exercício ético, espiritual e formativo no qual o indivíduo se transforma para ter contato com a verdade acerca de si mesmo (Foucault, 2010a, *apud* Gomes; Ferreri; Lemos, 2018), verdade essa que exige um trabalho contínuo sobre a própria conduta pautado pelos movimentos interligados da *áskesis* (o trabalho em prol da autotransformação e responsabilidade) e do *éros* (o amor que atrai a verdade e ilumina a caminhada do sujeito). Conforme analisam Gomes, Ferreri e Lemos (2018) ao discorrerem sobre os princípios de Foucault, o contato com a verdade requer uma verdadeira devoção interior:

> O cuidado de si estaria ligado a uma prática da espiritualidade, apresentando minimamente três princípios básicos: 1) entendia que a verdade jamais seria dada de pleno direito ao sujeito, por um simples ato de conhecimento; 2) demandaria a necessidade do sujeito de se transformar, se modificar, tornar-se até certo ponto, outro que não ele mesmo, para que tivesse acesso à verdade; 3) a verdade apenas seria dada ao sujeito por certo preço, que pusesse em jogo o ser mesmo do sujeito, que afetasse esse mesmo sujeito. Doravante, era entendido que não poderia haver verdade sem uma "conversão" a si mesmo, ou transformação do sujeito, por meio de duas direções: a

ISSN: 2358-8829

> primeira seria em movimento de éros (amor), no qual a verdade viria até o sujeito e o iluminaria; a segunda estaria pautada num movimento de áskesis, entendido como um labor, um trabalho de si para consigo; em que se é o próprio responsável por seus pensamentos e ações. (Foucault, 2010a, *apud* Gomes; Ferreri; Lemos, 2018, p. 190).

A cultura do cuidado de si envolve um conjunto articulado de regras, exercícios de memorização, reflexão discursiva e exame constante da consciência, onde o indivíduo precisa redirecionar o seu olhar, voltando a atenção que antes se dispersava no mundo exterior para o funcionamento dos seus próprios pensamentos (Foucault, 2009c, *apud* Gomes; Ferreri; Lemos, 2018). Nessa concepção, o cuidado de si se materializa na oralidade, nas conversas e na troca de experiências interpessoais. Nas práticas dos Alcoólicos Anônimos, essas reflexões se iniciam na partilha das histórias de vida nas quais os membros reconstroem suas memórias, revisitam o passado e organizam planos acerca das maneiras de se portarem no presente e no futuro. Tal dimensão ética se encontra com o pensamento de Maturana (2002), o qual defende que a existência humana se constitui genuinamente nas relações intersubjetivas formadas a partir do acolhimento e do respeito mútuo. O cuidado de si no AA ocorre na transformação pessoal que se concretiza na convivência comunitária com a irmandade, onde o cuidado dado ao companheiro reflete no fortalecimento emocional do próprio sujeito.

Emancipação, autonomia e crítica da dominação

O processo de emancipação neste estudo é entendido a partir das ideias de Paulo Freire (1987), o qual propõe que a libertação humana não se constitui como um ato isolado, mas que se trata, na verdade, de um movimento histórico, social e dialógico marcado pela conscientização, ou seja, pelo desenvolvimento da capacidade crítica do indivíduo para interpretar sua realidade e se reconhecer como um agente transformador. Em uma de suas obras, a *Pedagogia do Oprimido* (1987), ele demonstra que as estruturas de dominação sobrevivem e se reproduzem a partir da internalização do padrão opressor nas mentes dos oprimidos, onde superar essa condição exige o esforço coletivo de problematizar a experiência vivida. Dessa forma, a construção da autonomia vincula-se ao compromisso ético diante das escolhas assumidas perante a comunidade, conforme diz Freire (1987, p. 47): “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão.” Esse pensar dialoga com a busca pela sobriedade que é sustentada na escuta, na solidariedade e no apoio mútuo.

Para somar na discussão, se acrescenta à reflexão os apontamentos de Adorno, a partir do texto *Educação e Emancipação*, da edição de 1995, no qual ele tece críticas acerca das formas educativas que apenas promovem uma adaptação cega dos indivíduos às exigências

ISSN: 2358-8829

sociais vigentes, sem promover espaço para questionamentos e reflexões. Para ele, a finalidade de qualquer processo formativo deve ser o desenvolvimento da capacidade de autorreflexão crítica, conscientizando os sujeitos à necessidade de resistir às barbáries de repetições irrefletidas de comportamentos impostos. Nessa linha, Adorno (1995) também critica o que ele chama de semicultura, espaço onde se discorre um acúmulo superficial de informações, mas que não garantem a formação de sujeitos conscientes de si, do mundo e ativos em seu meio social. Nesse pensar, para grupos estigmatizados e marginalizados, como as pessoas alcoólatras, a oportunidade de falar e refletir sobre sua história representa uma ruptura com os preconceitos que os desumanizam.

Jacques Rancière, em sua obra *O Mestre Ignorante* (1991), ele questiona sobre a necessidade indispensável de haver a figura de um mestre explicador, um docente, para que ocorra no indivíduo a emancipação. A partir desse questionamento, ele defende a ideia da igualdade das inteligências como início inegociável de qualquer processo libertador. Nessa perspectiva, a emancipação ocorre quando o indivíduo toma consciência de sua própria capacidade de pensar e agir sem depender de hierarquias institucionais e sociais que o inferiorizem. Nas reuniões do AA, a ausência de figuras hierárquicas e a movimentação livre da palavra atuam para a concretização do princípio de que todos possuem sabres válidos para ensinar e aprender.

As práticas educativas na perspectiva da Educação Popular

Para endossar o ponto de vista de que as práticas pedagógicas vão além dos muros das escolas e instituições de ensino tradicionais, Brandão argumenta que a educação se encontra presente em todas as instâncias da vida cotidiana, estando presente nas interações familiares, comunitárias e culturais. Em sua produção *O que é Educação Popular?* (2002), ele afirma:

> Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. (Brandão, 2002, p. 7).

Desse modo, a Educação Popular se constitui como uma práxis viva que surge das necessidades sociais e das inquietações pessoais dos sujeitos populares, valorizando os saberes produzidos nas lutas diárias pela sobrevivência (Brandão, 2002). Dessa maneira, ela tem por objetivo formar consciências críticas e reflexivas que sejam capazes de identificar os mecanismos de exclusão social e que se movam para lutar pelo resgate da dignidade humana.

ISSN: 2358-8829

Gohn (2011) expõe que os movimentos sociais funcionam como espaços privilegiados de formação cidadã, pois são nesses ambientes coletivos que os participantes aprendem a exercer de fato a participação, a respeitar as diversidades de opiniões e a atuar coletivamente em prol de um objetivo em comum que, no caso dos AA, é a sobriedade. Complementarmente, Arroyo (2014) destaca as pedagogias da vida, as quais são construídas no seio das trajetórias marcadas pela dor, pelo sofrimento e pela resistência. Para ele, educar de forma emancipatória é reconhecer o outro na sua plenitude humana e valorizar sua história de vida como fonte de saberes.

RESULTADO E DISCUSSÃO

O Cuidado de Si no cotidiano do Grupo Primavera

A categoria do cuidado de si se apresenta nos encontros do grupo como uma prática ética e cotidiana regrada na análise constante de consciência e na partilha verbalizadas das vivências. A estrutura habitual das reuniões envolve momentos de acolhida, silêncio reflexivo, recitação coletiva da Oração da Serenidade, leitura dos textos oficiais e depoimentos individuais na cabeceira de mesa. Os membros, ao realizarem repetidamente e quase que cotidianamente esses encontros e momentos de fala e de escuta, entendem e aceitam o seu adoecimento e passam a enxergar a gravidade da dependência, para, a partir de então, construir alternativas para superar o vício e alcançar a sobriedade.

Durante os momentos de observação, nos chamou a atenção a desmedida carga emocional, sensibilidade e nível de sinceridade dos relatos apresentados. Em um dos encontros acompanhados, um membro descreveu a desorganização subjetiva na qual se encontrava antes de se integrar à irmandade:

> Quando eu chegue aqui, eu não sabia cuidar nem de mim, nem dos outros. Com o tempo, escutando os companheiros, eu fui entendendo que preciso parar, pensar, refletir sobre o que faço. Hoje eu me observo mais, penso antes de agir e sei que não estou sozinho nesse processo. (Membro do AA, Diário de Campo, 2025).

O relato externaliza com nitidez o movimento de conversão do olhar descrito por Foucault (2010a; *apud* Gomes; Ferreri; Lemos, 2018). O sujeito passa a examinar suas atitudes e emoções, exercitando um trabalho consciente sobre seus pensamentos (*áskesis*) sentindo, consequentemente, o impacto em suas ações e em sua maneira de ver e viver as experiências dispostas pela vida. Outro participante também verbalizou o efeito positivo do acompanhamento coletivo do grupo na sua estabilidade emocional e no convívio com o meio:

ISSN: 2358-8829

> A gente se fortalece cada dia mais, em cada reunião. Porque se você se afastar do grupo, não ficar, você é capaz de voltar a beber. [...] Hoje, em questão emocional, de lidar com a família, com os meus filhos, com a minha mãe, hoje eu consigo perceber que estou mais equilibrado do que quando bebia. (Membro do AA, Diário de Campo, 2025).

A fala evidencia que o cuidado de si desenvolvido no AA traz efeitos diretos no reequilíbrio das relações interpessoais. As orientações presentes na literatura oficial da irmandade atuam como bússola para esse processo de reeducação diária. O então coordenador do Grupo Primavera explicou durante a entrevista a função disciplinadora e formativa desempenhada pela literatura do AA:

> Quando a gente chega, primeiro se identifica com as mensagens, com a experiência do companheiro que chega aqui e conta seu relato de vida, de como era antes, e de como está agora. Esse é o primeiro passo, depois a literatura é um aperfeiçoamento para começar a reformular a vida. (Coordenador do AA, Entrevista, 2025).

Perguntado sobre como funciona o processo formativo com integrantes que não dominam a leitura e a escrita, o então coordenador destacou a relevância primordial da oralidade e da escuta atenta no dia a dia das reuniões:

> Se tiver algum membro que não sabe ler, aí é pela escuta, exatamente. Reuniões de literatura, reuniões de estudo, troca de experiências... qualquer dúvida a gente procura no livro juntos. (Coordenado do AA, Entrevista, 2025).

Essa demonstração reforça a acessibilidade para o cuidado de si na irmandade. A ausência de alfabetização formal não impede o envolvimento, a participação ativa e nem o aprendizado, pois a palavra falada e partilhada circula livremente, promovendo a conscientização comunitária em conformidade com a pedagogia dialógica de Paulo Freire (1996). Assim, o cuidado de si se consolida na articulação entre o esforço individual de mudança e o apoio coletivo do grupo, confirmando os apontamentos de Maturana (2002) sobre a constituição do ser humano nas redes de afetividade e acolhimento.

Emancipação e Autonomia

A construção da autonomia entre os integrantes do Grupo Primavera se traduz no conhecimento e no reconhecimento responsável de suas ações como também na ruptura com a postura negacionista da dependência alcoólica. O grupo se apresenta como apoio para que o indivíduo compreenda que a mudança depende do seu próprio desejo sem que isso signifique se isolar ou se individualizar em demasia. Um dos participantes expressou essa tomada de

ISSN: 2358-8829

consciência da seguinte forma: “O grupo me fez perceber que ninguém vai mudar minha vida por mim. Eu precisava decidir, querer e assumir minhas escolhas. Mas aqui, eu não estou sozinho; a força do grupo me ajuda a me manter no caminho.” (Membro do AA, Diário de Campo, 2025).

Essa fala elucida com apreço a afirmação de Freire (1987) de que a libertação se realiza em comunhão. A conquista de autonomia no AA pede que o exercício constante da autorreflexão sobre os gatilhos e comportamentos que conduziam ao vício esteja presente no dia a dia do sujeito. Dessa maneira, expondo coletivamente esse movimento de autorreflexão, os depoimentos ouvidos semanalmente funcionam como alertas e espelhos nos quais os membros aprendem alternativas de conduta, conforme o depoimento de um dos integrantes: “Antes eu seguia o que achava certo, sem ouvir ninguém. Aqui aprendi a escutar, refletir, pensar nas consequências das minhas escolhas. Sinto que posso decidir por mim, mas agora com consciência e cuidado.” (Membro do AA, Diário de Campo, 2025).

Além disso, a estrutura organizacional do AA reforça a igualdade de condições proposta por Rancière (1991), a exemplo do Grupo Primavera, onde os cargos de direção da mesa (coordenador, secretário e tesoureiro) costumam se alternar a cada três meses a partir de rodízio entre os membros, impedindo a cristalização de posições de poder e estimulando a responsabilidade compartilhada por todos os membros no funcionamento da casa.

A partir dos relatos das esposas dos participantes, é possível ver a reafirmação do impacto emancipatório da irmandade no ambiente familiar. Durante a entrevista semiestruturada, a esposa de um dos integrantes destacou as transformações observadas no comportamento do marido após a entrada no grupo:

> “Mudou muita coisa. Ele hoje tem mais compreensão. Ele hoje consegue chegar e falar. Ele participa das coisas junto com os filhos dele. [...] Os dois filhos que a gente tem em casa, por incrível que pareça, são mais apegados a ele. Porque ele sabe dar mais atenção. Ele tem uma certa paciência. Então, é uma verdadeira mudança de vida.” (Parente de Membro do AA, Entrevista, 2025)

A reconstituição dos laços afetivos e o resgate da convivência familiar demonstram que a autonomia alcançada no grupo vai além do espaço físico das reuniões, promovem a reintegração cidadã e ética dos sujeitos na sociedade.

As Práticas Educativas Não Formais do AA

ISSN: 2358-8829

As atividades desenvolvidas no Grupo Primavera se configuram como práticas educativas não formais profundamente enraizadas nas vivências e experiências vividas. O aprendizado da sobriedade não se processa por meio de aulas expositivas convencionais, conceituadas em extensos arcabouços teóricos, ele é transmitido pela partilha contínua de histórias de vida, pela repetição de princípios basilares do programa e pela vivência de rituais comemorativos. Um bordão exaustivamente falado nas reuniões resume a pedagogia oral da irmandade, o qual diz que "o remédio é dado pela boca e recebido pelo ouvido" (Membro do AA, Diário de Campo, 2025).

O funcionamento dos depoimentos permite que os deslizes e recaídas experenciadas por alguns membros, sejam ressignificados e transformados em conhecimentos preventivos para todo o grupo. Um dos membros comentou o valor pedagógico dessa partilha ao compartilhar que "Cada relato que a gente escuta aqui ensina algo. Até erros que o outro cometeu servem para a gente pensar e não repetir. É assim que aprendemos a viver melhor." (Membro do AA, Diário de Campo, 2025). Essa dinâmica confirma as ideias de Arroyo (2014) sobre as pedagogias da vida, nas quais os conhecimentos nascem das trajetórias marcadas por perdas, sofrimentos e conquistas dos próprios sujeitos. As comemorações festivas de entrega de fichas de sobriedade representam outro momento de enorme valor educativo. Nessas ocasiões, se comemora os marcos de tempo alcançados sem ingerir bebida alcoólica, reafirmando a possibilidade de transformação diante dos recém-chegados.

A Educação Popular e a restauração da dignidade

A Educação Popular se manifesta na irmandade dos Alcoólicos Anônimos em sua capacidade de devolver a dignidade e a humanidade aos sujeitos marginalizados pela sociedade a partir da dependência do álcool. A sociedade por vezes julga o sujeito alcoólatra com olhar de desprezo, encarando o vício como desvio de caráter ou falha moral, mas no AA o alcoolismo é reconhecido como uma doença progressiva, incurável e de impacto familiar. Ao reconhecer o alcoolismo sob essa perspectiva, o grupo retira o peso do julgamento social, possibilita o tratamento para a doença e abre espaço para o acolhimento afetivo.

Dessa forma, foi possível identificarmos que as metodologias da irmandade se apoiam na simplicidade e na continuidade, onde a estratégia fundamental do "só por hoje", focada em vencer por "mais 24 horas" e evitando o "primeiro gole", oferece um objetivo concreto e diário de autodisciplina. Um dos membros ressaltou esse sentimento de acolhimento experimentado ao ingressar no grupo: "Antes eu me sentia rejeitado por todo mundo, achava que não tinha

ISSN: 2358-8829

mais jeito pra mim. Quando cheguei no AA, fui recebido sem julgamento. Aqui ninguém é melhor do que ninguém, todo mundo se ajuda a ficar de pé.” (Membro do AA, Diário de Campo, 2025).

A partir desse relato, é notório que a irmandade atua como um espaço de reconstrução da identidade e de fortalecimento do sentimento de pertencimento. Conforme teoriza Brandão (2002), a Educação Popular realiza o seu compromisso político ao resgatar a humanidade negada aos grupos marginalizados, criando condições comunitárias para que os indivíduos voltem a exercer o seu direito de existir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho investigativo desenvolvido junto ao Grupo Primavera dos Alcoólicos Anônimos de Toritama, em Pernambuco, nos permitiu responder com fundamentação à indagação central desta pesquisa. As práticas pedagógicas direcionadas ao cuidado de si e à manutenção da sobriedade se manifestam no exercício diário do diálogo horizontal, na escuta atenta dos relatos das experiências vividas, na vivência dos 12 Passos e na leitura reflexiva da literatura oficial dos AA.

Além do mais, o objetivo geral do trabalho foi alcançado ao demonstrar que o processo educativo desenvolvido na irmandade atua como uma pedagogia da vida onde o aprendizado da sobriedade não depende de metodologias escolares rígidas ou da mediação de figuras de poder externas, mas que se constitui na convivência coletiva, no apoio mútuo e no compartilhamento das histórias de superação e de reintegração. E, quanto aos objetivos específicos, fora identificado que as práticas pedagógicas do AA articulam a oralidade, a rotatividade das funções da mesa e os rituais de acolhimento. As metodologias utilizadas se apoiam no princípio das “24 horas” e na regra de “evitar o primeiro gole”, que funcionam como dispositivos práticos de reorganização cotidiana.

Por fim, se constatou a presença marcante da Educação Popular no AA, evidenciada pela horizontalidade das relações, pelo acolhimento irrestrito e pelo resgate da dignidade humana dos integrantes do grupo. A irmandade se revela como um espaço educativo não formal de relevância social, onde homens e mulheres aprendem cotidianamente a cuidar de si, a cuidar do outro e a reivindicar suas existências com dignidade e autonomia.

Palavras-chave: Alcoólicos Anônimos (AA), Cuidado de si, Educação Popular, Emancipação, Sobriedade.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Cláudio e Ana, por me assegurar os caminhos da educação apesar das agruras da vida. À Geórgia por abraçar e ouvir meus questionamentos sobre o mundo, e por me permitir abraçar e ouvir os seus. À Dra. Allene Lage, a qual fez possível a elaboração do presente estudo a partir das suas orientações. Aos integrantes do Grupo Primavera pelo acolhimento, confiança e zelo em nos receber.

REFERÊNCIAS

Adorno, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

Arroyo, Miguel González. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens.** 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

Brandão, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. 43. ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.

Freire, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. OK

Freire, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Gohn, Maria da Glória. **Movimentos sociais e educação**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

Gomes, Marcel Maia; Ferreri, Marcelo de Almeida; Lemos, Flávia Cristina Silveira. **O cuidado de si em Michel Foucault: um dispositivo de problematização do político no contemporâneo**. Fractal: Revista de Psicologia, Niterói, v. 30, n. 2, p. 189-195, maio/ago. 2018.

Lage, Allene Carvalho. **Lutas por inclusão nas margens do Atlântico: um estudo comparado entre as experiências do Movimento dos Sem Terra/Brasil e da Associação In Loco/Portugal.** 2005. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2005.

Maturana, Humberto R.; Varela, Francisco J. **De máquinas e seres vivos: autopoiese: a organização do vivo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

Minayo, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

Rancière, Jacques. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Autêntica, 1991.

Vala, Jorge. A análise de conteúdo. *In:* Silva, Augusto Santos; Pinto, José Madureira (org.). **Metodologia das ciências sociais**. 11. ed. Porto: Afrontamento, 2001. p. 101-128.